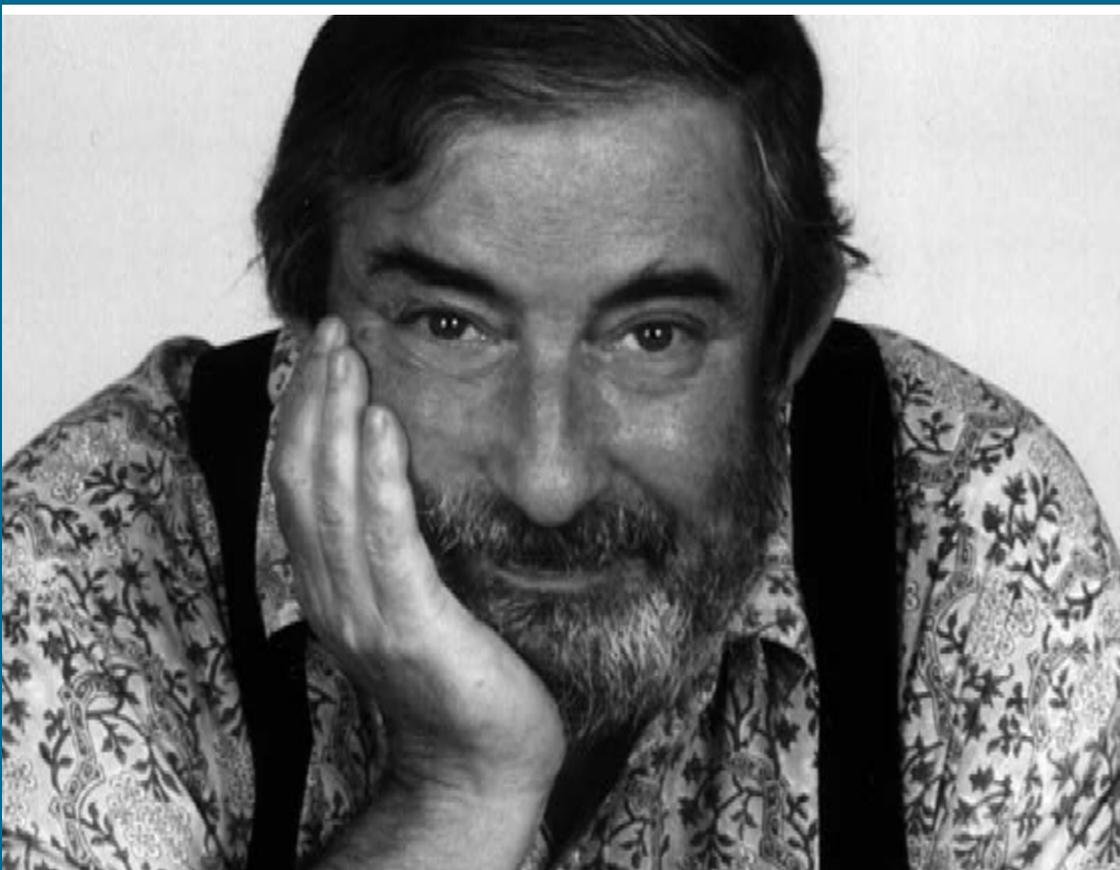


FERNANDO ASSIS PACHECO

Escritor

1937-1995



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA

Dezembro 2015

SONETOS

O dia em que nasci meu pai cantou
versos que ~~salvam~~^{vinham} os pastores do mo
com palavras de lá fiada fina
cordeiro lírio neve tojo fonte

esta é uma velha história de família
para dizer como ele e eu chegámos
à raiz mais profunda do afecto
de qual nunca jamais nos separámos
nem Deus feito menino teve um pa
que o abraçasse e lhe cantasse assim
desde a primeira hora até ao fim

fui vê-lo ao hospital quando morri
olhos parados num sorriso leve
tojo cordeiro lírio fonte neve

28.XII.93
Lisboa

A Câmara de Lisboa, ao atribuir o nome de Fernando Assis Pacheco a um arruamento da freguesia de Campo de Ourique, no bairro onde residiu, vem reconhecer e prestar uma justa homenagem ao escritor, poeta e ficcionista, jornalista e crítico literário, que com a sua personalidade ímpar de homem irreverente, apaixonado pela vida e defensor determinado daquilo em que acreditava, se destacou na vida cultural portuguesa marcando definitivamente uma época no nosso panorama literário.

Lisboa, dezembro de 2015

Fernando Medina

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa



Agosto de 1937. Figueira da Foz ¹



FERNANDO ASSIS PACHECO

1937-1995

Fernando Santiago Mendes de Assis Pacheco nasceu em Coimbra, a 1 de fevereiro de 1937. Autor plural, poeta e ficcionista, jornalista e crítico literário, entregou-se com entusiasmo, determinação e um talento raro, às várias áreas literárias em que interveio.

O ambiente familiar da sua infância, na companhia de seus pais, José Maria e Maria da Conceição de Assis Pacheco, e de sua irmã, Maria Manuela, foi calmo, carinhoso e motivante. O pai, figura tutelar, que anos depois financiaria a edição do primeiro livro de poemas do filho, sempre valorizou a importância da cultura na formação pessoal. O pequeno Fernando cedo tomou gosto às temporadas do Teatro Avenida, onde a família tinha um camarote, às sessões de música clássica em sua casa, persistindo também a recordação quinzenal de Miguel Torga ², enterrado no sofá da sala.

Assis Pacheco estudou em Coimbra. Iniciou os estudos em Direito mas cedo transitou para Letras, onde se licenciou em Filologia

(1) Comentário de Assis Pacheco: “Ou sejam 6 meses e pico. Quem diria que este tipo ia dar no que dei? Mas já gostava de me perder a olhar as *coisas*”.

(2) Miguel Torga foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Campolide, por edital de 19/06/1995.



Com a irmã Maria Manuela (Nené)

Germânica em 1961, não sem antes ter feito publicar versos seus no jornal académico *A Briosas*. Lia compulsivamente, e familiarizou-se entretanto com a obra literária de ingleses, franceses, e portugueses, entre estes Pascoes³, Pessoa⁴ e Camões⁵. Mas foi o brasileiro Drummond de Andrade⁶ que mais o fascinou. Dele confessou em conversa: “Foi o meu Pessoa, o meu Camões, o poeta da língua portuguesa que me deu o empurrão para o gosto pela poesia.”

Durante os seus tempos de estudante experimentou várias áreas criativas, entre as quais o Teatro. Foi fundador do CITAC - Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, e é com o TEUC – Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra – que vai pela primeira vez a Cabo Verde, terra cuja magia o cativou para sempre. No entanto, o seu gosto e o seu talento para as Letras rapidamente o arrebataram e o desviaram desta sua vocação embrionária.

Foi redator da revista *Vértice*, circunstância que lhe permitiu privar de perto com o poeta neorrealista Joaquim Namorado e com poetas da sua geração, como Manuel Alegre e José Carlos de Vasconcelos.

Em janeiro de 1963, o poeta casou com Rosarinho, musa inspiradora de muita da sua poesia, de quem teve seis filhos.

Os momentos de felicidade foram abreviados pelo embarque para Angola, em 25 de abril desse mesmo ano, mobilizado para uma guerra que não queria e que não era sua, mas que profundamente o marcou.

(3) Teixeira de Pascoais foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Alvalade, por edital de 20/10/1955.

(4) Fernando Pessoa foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Alvalade, antiga Campo Grande, por edital de 19/07/1948.

(5) Luís de Camões foi homenageado na toponímia de Lisboa, com a atribuição do seu nome a uma praça na freguesia da Misericórdia, antiga Encarnação, por edital do Governo Civil de 12/10/1860. Também na freguesia de Alcântara existe uma Rua Luís de Camões, atribuída por deliberação camarária de 20/05/1880 da então Câmara de Belém.

(6) Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) produziu uma das obras mais significativas da poesia brasileira do século XX. Forte criador de imagens, a sua obra abraça a temática da vida e dos acontecimentos do mundo a partir dos problemas pessoais e sociais.

Regressado de Angola, Fernando Assis Pacheco enveredou definitivamente pela carreira jornalística. Estreou-se no *Diário de Lisboa*, em 1965. Ao longo da vida foi colaborador de várias publicações literárias e jornais, tais como *África*, *República*, *O Jornal*, *Se7e*, *Jornal de Letras*, do qual foi redator, e *Record*. Era, à data da sua morte, redator da revista *Visão*.

Em 1982 teve necessidade de esclarecer consigo próprio qual a sua principal área de intervenção, elegendo então o Jornalismo como a sua *profissão dominante*.

A PROFISSÃO DOMINANTE

«Meu Deus como eu sou paraliterário
à quinta-feira véspera do jornal
nadando em papel como num aquário
ejectando a minha bolha pontual
de prosa tirada do receituário
onde aprendi o cozido nacional
do boçal fingido o lapidário
– fora algum deslize gramatical –
receio que me chamem extraordinário
quando esta é uma prática trivial
roçando mesmo o parasitário
meu Deus dá-me a tua ajuda semanal»

Fernando Assis Pacheco deixou-nos uma abundante obra jornalística, de grande qualidade e originalidade. Distinguiu-se tanto na simples notícia, como na crónica, na reportagem, na entrevista, ou nas recensões literárias com que nos presenteava nas suas secções “Prontuário das Letras”, do *Diário de Lisboa*, e “Bookcionário”, de *O Jornal*, marcando todo o seu trabalho com o seu toque de mestre muito pessoal. A sua obra jornalística, alicerçada numa escrita invulgar, límpida e escorreita, oferecia aos seus leitores a capacidade de apreciar as pessoas e as situações a uma nova luz, mordaz e ao mesmo tempo divertida.

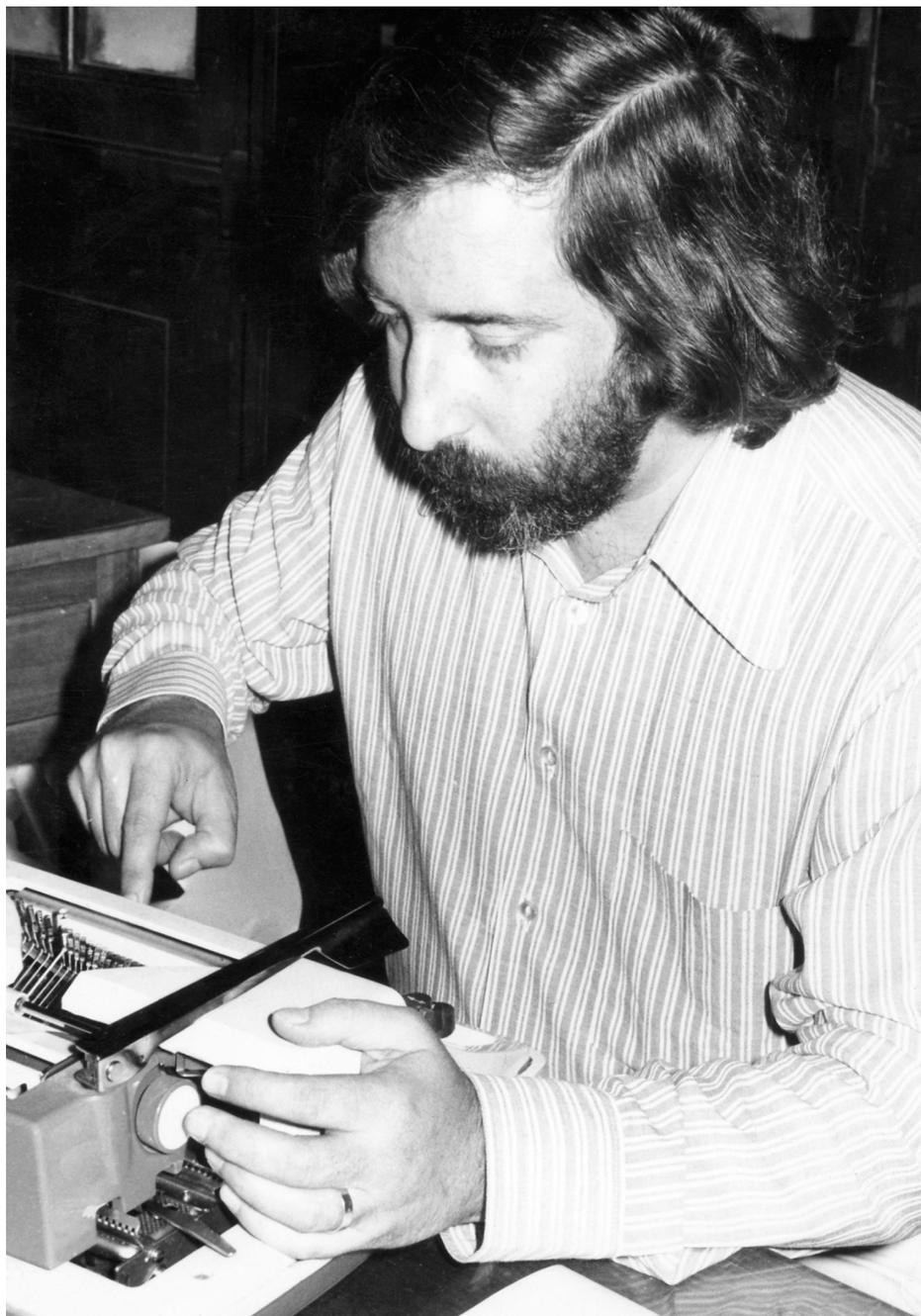
Foi um dos melhores jornalistas prosadores do seu tempo, como facilmente se poderá confirmar no texto “Só me calham Dukes”, escrito a propósito do 5º aniversário da morte do seu amigo José Afonso⁷ e publicado originalmente no *Jornal de Letras*, de 25 de fevereiro de 1992. Nessa prosa de despedida, direta como nos habituou, Assis Pacheco conta-nos sobre o seu convívio com o compositor e como a música deste o seguiu em tempo de guerra, assim conciliando no seu íntimo duas facetas que marcaram profundamente a sua vida, a da Revolução de Abril e a da Guerra Colonial.

Fernando Assis Pacheco fez da entrevista uma arte sua. Valendo-se da enorme capacidade comunicativa do seu estilo coloquial, facilmente conseguia conduzir a prosa do entrevistado de forma a fazê-lo transmitir-nos aquilo que gostaríamos de saber.

Tal como sempre foi avesso a cargos de direção ou chefia, também declinou a prática do jornalismo de investigação, pois não o sentia interiorizado no seu leque vocacional.

Aparentemente não dava grande importância à sua obra poética, arduamente construída nos curtos espaços de ócio que lhe proporcionava a sua *profissão dominante*. No entanto, no seu íntimo, tinha a

(7) José Afonso foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de São Domingos de Benfica, por edital de 09/12/1988.



No jornal

SÓ ME CALHAM DUKES

(excerto)

“Também não assisti à guerrilha da balada em Coimbra, pelo motivo bem mais prosaico de uns anos de tropa com que a Sagrada Família me entreteve, mas na hora de fazer as malas escolhi dois discos de 45 r.p.m. do Zeca para irem estagiar comigo em Nambuangongo e Zala, de onde voltaram tingidos de um castanho avermelhado que era a vera cor da guerra. Foram muito ouvidos nos dois quartelamentos, até pelos srs. oficiais de carreira, que não eram propriamente surdos e agradeciam uma musiquinha de fundo para empurrar o quinto ou sexto brande à noite, pouco antes do chichi-cama.”

certeza da importância do que fazia, porque o fazia e como o fazia, e sentia-o como uma necessidade inadiável.

Apesar de revelada ao público em 1963, com a obra *Cuidar dos Vivos*, a poesia de Fernando Assis Pacheco manteve-se quase clandestina. A sua obra circulava, restrita à impressão de plaquetes que o autor distribuía com afeto entre amigos e conhecidos.

Chamava mestre ao antipoeta Nicanor Parra⁸, não que se assumisse como seu discípulo, mas sim porque a poesia do chileno tão bem se alinhava junto à sua, comungando da recusa de artifícios.

Poesia de beleza rara, agreste, preciosa e assumidamente cruel, os seus poemas são límpidos, o seu estilo claro e a sua sintaxe surpreende pelo domínio notável da pontuação, ou da ausência desta, e pela noção da influência desta no sentido, o que conduziu também o poeta a uma escolha cuidada do léxico, que nos surpreende primeiro pelo seu registo coloquial e numa análise mais aprofundada pela ausência de incorreções na sua utilização.

Pela pena do poeta, a sua mulher, Rosarinho, os seus seis filhos, e também alguns amigos, tornaram-se figuras centrais da sua poesia, atravessada por sentimentos de mágoa para com a sociedade, a qual por vezes roça a ira, a par da ternura e afeto incondicionais que dedica aos amigos e entes queridos. O poeta frequentemente assume a gratidão que tem para com uma vida que lhe proporcionou tão bons companheiros. É neste campo da familiaridade que aparecem palavras mais fortes que remetem para uma utilização quase insuperável do coloquial e do calão, naturais para quem com ele privou. Nota-se nos seus textos um esforço de investigação e de novas experiências no campo da língua portuguesa a par de uma intenção subjacente de crítica social.

(8) Nicanor Parra nasceu no Chile em 1914. Influenciado pelo *Romancero Gitano* de Garcia Lorca, Parra assume a afinidade com a sua cultura tradicional, com uma poesia clara e uma linguagem direta. No final da década de 1940 define a sua poesia como uma antipoesia (*antipoemas*) contribuindo, desse modo, para uma renovação radical da poesia chilena.

Assis Pacheco sempre procurou esquivar-se ao envolvimento direto numa qualquer corrente literária, mas sofreu sem dúvida algumas influências. À parte o chileno Parra, podemos constatar na sua obra a influência da geração inglesa de Auden, Spender (tese da sua licenciatura) ou Isherwood ⁹, todos com laços ao jornalismo e todos profundamente ligados ao desígnio de uma escrita modernista ¹⁰ tal como a imaginou e defendeu Ezra Pound ¹¹. Do jornalismo trouxe para a sua poesia a rapidez na definição das situações e o foco no pormenor humano.

A contemporaneidade e a força dos seus poemas levaram a que alguns deles fossem musicados por compositores portugueses, entre os quais Adriano Correia de Oliveira e Manuel Freire.

Em 1972 editou *Câu Kiên, um Resumo*, no qual a utilização da topónimia vietnamita camuflava a dos matos angolanos, numa tentativa recorrente à época de iludir a censura salazarista ¹².

O poema foi reeditado com o título adequado, já sob os novos ventos de liberdade, em 1976. *Catalabanza Quilolo e Volta* adquire assim a sua verdadeira dimensão, a da crítica a uma guerra que penosamente vertia o sangue dos jovens portugueses e africanos.

(9) A depressão económica e o impacto da guerra civil espanhola na Grã-Bretanha dos anos 30 do século passado levaram ao surgimento de uma corrente poética abertamente política, representada por W.H. Auden e Stephen Spender, entre outros. A sua poesia destacou-se por uma forma conservadora aliada a um conteúdo radical.

(10) A literatura modernista procurou libertar-se dos laços impostos pelo Realismo e introduzir novos conceitos como, por exemplo, uma estética da diversidade e uma questionação dos valores estabelecidos ética e literariamente, aliados a uma libertação da escrita literária de todas as convenções e de todas as regras.

(11) Ezra Pound (1885 – 1972), poeta americano, músico e crítico, foi em conjunto com T. S. Eliot, um dos intervenientes principais do movimento modernista que percorreu a poesia no início dos anos 20 do século passado. Foi a força motora por detrás de vários movimentos ligados ao Modernismo, entre os quais o Imagismo e o Vorticismo.

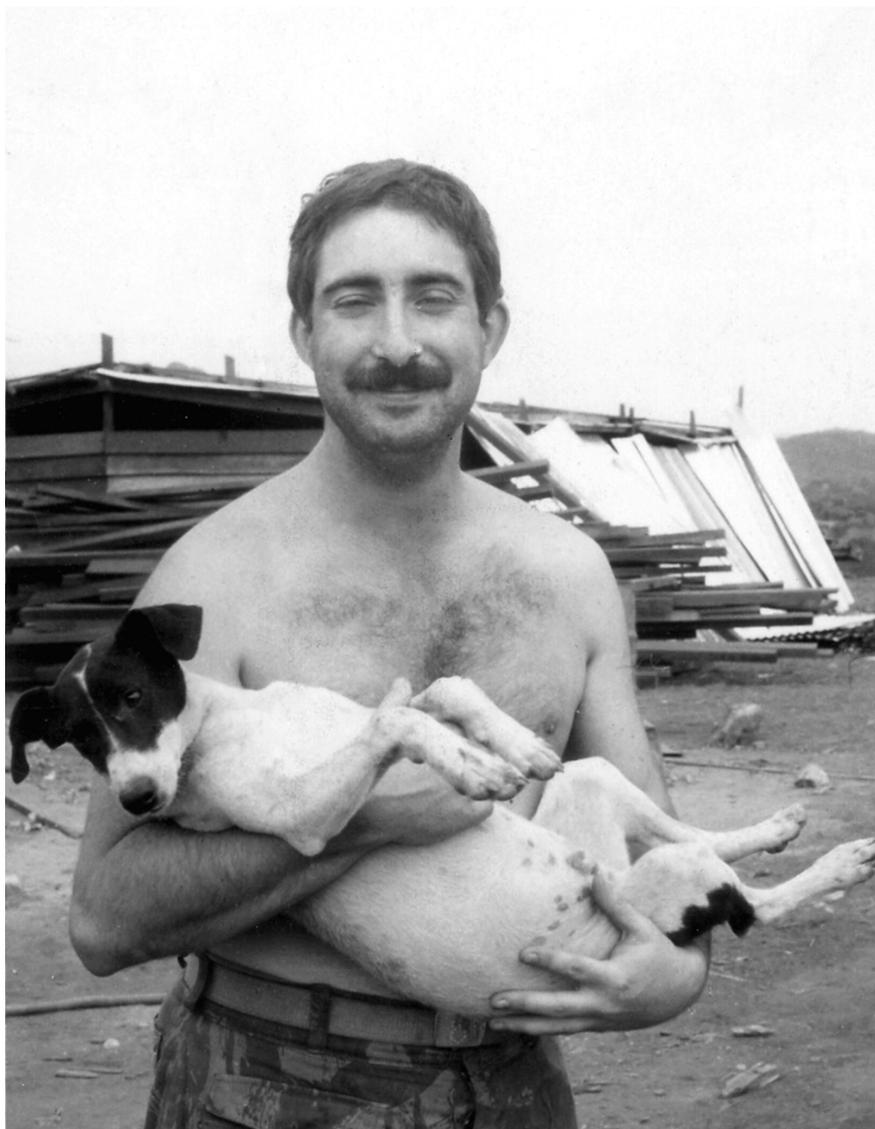
(12) Neste, como noutros textos, alguns escritores portugueses falavam dos americanos e dos vietnamitas e, nas entrelinhas, de nós e dos africanos no mato e na guerra. O fazê-lo, numa primeira mão por motivos ligados à censura, colocava simultânea e subtilmente a guerra colonial portuguesa numa situação universal ao aproximá-la do conflito americano no Vietname.

CATALABANZA QUILOLO E VOLTA

(excerto da nota do autor – contracapa)

“Este livro é uma prosa acerca dos malefícios da guerra entendidos no tempo do inefável Marcial Caneta, quando se falava do Vietnam “por coisas da causa”. “Causa” que ninguém desposava; “coisas” que ficaram, alarves, para a gente conhecer enfim como puderam ser, e porquê. Não tenho por isso nenhum remorso de estilo. Eu queria apenas dizer “Gare Marítima de Alcântara”, “Lisboa”, num ano qualquer entre 1961 e 1974. Meto na prosa soldados, civis, incivis, chulos e putas, eu próprio estou lá, disfarçado de narrador-alferes, choro à bruta, gozo como um cabinda, narro, minto, finto o leitor, apetecia-me mandar o país Portugal ao tota, mas em segunda leitura sou um tipo basto moral e paro a meio palmo do traço proibido — ternuras! (...)

Literatura-literatura, bah. Noutra altura talvez. Viva o Português de quatrocentas calhoadas ao minuto, que é por onde respiro!”



Em Angola 13

(13) Comentário de Assis Pacheco: “Zala, Setembro de 1963. Depois de uma escolta a uma coluna de reabastecimentos, em que, vá lá saber-se porquê, não houve tiros. O alferes já andara muito em baixo e dias depois foi evacuado para a clínica de neuropsiquiatria do Hospital Militar de Luanda. O cão era dele e chamava-se Eusébio.”

Seguiram-se as seguintes obras em poesia: em 1972 *Viagens na Minha Guerra*, em 1976 *Siquer este Refúgio e Memórias do Contencioso*, em 1978 *Variações em Sousa* e em 1991 *Musa Irregular*. Em prosa foi autor de *Walt*, de 1978, e do romance *Paixões e Trabalhos de Benito Prada*, de 1993. Assis Pacheco continuou a publicar, a espaços, pequenas tiragens em edição de autor, entre elas *A Profissão Dominante*, datada de 1982, *Nausicaah!*, de 1984 e *A Bela do Bairro e Outros Poemas*, de 1986. Estas edições, por contingência um segredo bem guardado entre amigos, não o impediram de alcançar o estatuto que tem na literatura portuguesa.

Fernando Assis Pacheco tinha ascendência galega por parte do avô materno e tornou-se um profundo conhecedor da literatura espanhola, tendo sido influenciado pela observação satírica que esta faz da sociedade. Traduziu Y. Evtuchenko, Pablo Neruda¹⁴ e Gabriel García Márquez.

O multifacetado autor escreveu ainda textos e diálogos para documentários e filmes e participou em programas de rádio e de televisão, tornando-se conhecido do público televisivo devido ao sucesso da sua participação, acompanhado pela sua família, no saudoso concurso da RTP *A Visita da Cornélia*¹⁵.

(14) Pablo Neruda foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Santa Clara, antiga Ameixoeira, por edital de 18/11/2004.

(15) O concurso de televisão *A Visita da Cornélia*, apresentado por Raul Solnado, teve a sua primeira transmissão na Radiotelevisão Portuguesa, em 1977, conquistando rapidamente a adesão do público televisivo.

Alguns dos concorrentes, os quais tinham que representar e declamar poesia entre outras provas, em equipas muitas das vezes constituídas por seus familiares, ganharam fama a nível nacional, como foram os casos da família Pitum, de Fernando Assis Pacheco e de José Fanha.

A humanidade abrangente do seu legado está bem patente neste variado leque de interesses em que aplicou o seu talento, o qual sempre bebeu de uma fonte principal, a palavra escrita.

A morte surpreendeu-o aos 58 anos de idade, no dia 30 de novembro de 1995. Assis Pacheco, que se vinha debatendo com problemas cardíacos, sucumbiu após se ter sentido indisposto na Livraria Bucholz, onde ia frequentemente satisfazer a sua paixão pelos livros. Da morte do amigo escreveu Manuel Alegre: “Não me venham dizer que foi enfarte/ ou acidente cardiovascular. Eu sei/ que foi a mina/ armadilhada no coração.”



Passeio de eléctrico por Lisboa ©Rui Pacheco

A Câmara de Lisboa presta homenagem ao jornalista, homem de letras e cidadão exemplar que foi Fernando Assis Pacheco, através do seu edital de 09/02/1999, atribuindo o seu nome a um arreamento no Bairro de Campo de Ourique, freguesia do mesmo nome, onde residiu. Na mesma freguesia o ilustre jornalista tem a companhia toponímica dos jornalistas Sampaio Bruno, Gervásio Lobato **16**, Luís Derouet **17** e Azedo Gneco **18**.

(16) Sampaio Bruno e Gervásio Lobato foram homenageados na toponímia de Lisboa por edital de 12/03/1932.

(17) Luís Derouet foi homenageado na toponímia de Lisboa por edital de 15/11/1927.

(18) Azedo Gneco foi homenageado na toponímia de Lisboa por edital de 22/06/1926.



Pardilhó, Ribeira da Aldeia, anos noventa, ©João Duarte Rodrigues



BIBLIOGRAFIA

- Alegre, M. (20/12/1995), “A Mina”; *Jornal de Letras*.
- Amaral, F. P. do, (21/02/2004), “Um tal Fernando Assis Pacheco”, *Público*.
- Magalhães, J. M. (03/07/2004), “Fernando Assis Pacheco, uma Publicação Pós-tumba”, *Expresso*.
- Mexia, P. (20/09/2001), “Era Depois da Morte, Fernando Assis Pacheco”, *Diário de Notícias*.
- Neves, S. (1998), “Um Retrato de F.A.P. – Passava-se com a Vida”, Badajoz: Espaço/Espaço Escrito.
- Pacheco, F. A. (1976), *Catalabanza, Quilolo e Volta*, Coimbra: Centelha.
- Pacheco, F. A. (1982), *A Profissão Dominante*, Edição de autor.
- Pacheco, F. A. (25/02/1992), “Só me Calham Dukes”, *Jornal de Letras*.
- Pacheco, F. A. (1996), *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, Porto: Asa.
- Pacheco, F. A. prefácio de Vasconcelos, J. C. de (2001), *Retratos Falados*, Porto: Asa.
- S., R. da (13/06/2001), “Outra Escrita de Fernando Assis Pacheco”, *Jornal de Letras*.
- Vasconcelos, J. A. de (08/02/2001), “Um Poeta no Jornalismo”, *Visão*.



FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa

Presidente | **Fernando Medina**

Pelouro da Cultura | **Catarina Vaz Pinto**

Direção Municipal de Cultura | **Manuel Veiga**

Departamento do Património Cultural | **Jorge Ramos de Carvalho**

Título | **Fernando Assis Pacheco**

Textos | **António Adriano**

Design | **Ernesto Matos**

Tiragem | **200**

Ano | **2015**

Depósito Legal | **357141/13**

Execução gráfica | **Imprensa Municipal de Lisboa**

Agradecimentos | **À família de Fernando Assis Pacheco e à Casa Fernando Pessoa - CML**

Foto de Capa | **©João Francisco Vilhena 1991? 1993?**

RUA FERNANDO ASSIS PACHECO

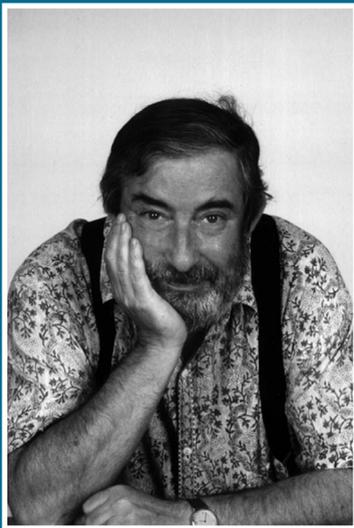


Início (norte)

38.715024, -9.165892

Final (sul)

38.714128, -9.165474



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

COMISSÃO
MUNICIPAL
TOPONÍMIA